

Ecclesia



Setembro de 1952

Ano 4.º

N.º 17



"Em Antioquia foram os Discípulos
pela primeira vez chamados cristãos".

Actos dos Apóstolos 11:26

CALIX DE ANTIOQUIA



QUE DEVE TER SERVIDO NA SAGRADA EUCARISTIA
DE CRISTÃOS PRIMITIVOS.

É DE PRATA E ADMIRÁVELMENTE TRABALHADO.

FOI ACHADO EM ESCAVAÇÕES FEITAS EM 1910
NO SÍTIO DA VELHA CIDADE.

TODOS OS ARQUEÓLOGOS QUE O TÊM ESTUDADO O CONSIDERAM
ANTIQUÍSSIMO, VARIANDO A IDADE QUE LHE ATRIBUEM
ENTRE O FIM DO 1.º SÉCULO E OS COMEÇOS DO 6.º.

Devemos a sua reprodução ao "Cloisters Museum" de Nova Iorque,
e à bela revista "World Christian Education", da mesma cidade.

Ecclesia

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Janeiro, Março, Maio, Julho, Setembro e Novembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

Rua 14 de Outubro, 388 -- VILA NOVA DE GAIA -- Tel. 710995

Propaganda e os seus fantasmas

A Propaganda é uma técnica moderna, moderníssima. Como palavra, não tem mais de quatro séculos; como método consciente, nem um século chega a ter. Não é uma arte, mas usa todas as artes; não é uma ciência, mas já tem abusado de todas as ciências.

A sua genealogia é complicada e obscura: parece filha do Boato, trineta dos Arautos e Passavantes dos antigos cortejos reais, e dos humildes tamborileiros, à frente dos saltimbancos. Entre os seus mais remotos avoengos vislumbra-se a "Pia-Fraude", das falsas actas dos martírios, na baixa Idade-Média, e as canções gesticuladas em câro, nas praças de Constantinopla, ensaiadas pelo presbítero hereje Ário e pelo seu adversário, o bispo Crisóstomo. Conhecem-se-lhe outros antepassados, directos ou colaterais: Pedro Eremita gritando "Deus o quer", a caminho de Jerusalém, assim como João Tetzell e Bernardo Samson, nas praças da Alemanha e da Suíça, com as suas caixas das indulgências, anunciadas a tanto por cabeça e a tanto por pecado; ou ainda João Huss, na

catedral de Praga, com os seus cartazes perturbadores.

Alguns desses avós ensaiavam já arremedos de arte; mas sem continuidade nem proporção. O pai Boato, esse, atravessou séculos, sempre escondido ou mascarado, e sempre espreitador e escutador. De facto, houve sempre mais de um, ainda que às vezes parece o mesmo, de dupla personalidade. Serão dois gémeos, apesar de não se parecerem nos actos, excepto que ambos são bons corredores. De qual procede a nossa biografia, é difícil de averiguar. Um deles é o

Boato-espontâneo, irresponsável, que fala em surdina e olha por baixo; o outro é o Boato-dirigido, calculador e metódico, instruído, bem-falante... e alto-falante.

Eis apresentada a Propaganda, fabricante da Opinião-pública, manejadora da fama e da infâmia, aliada das Indústrias, das Políticas e das Religiões, que se dedica sem destrincça, e tudo prefere, tudo aconselha, tudo elogia, com suspeitosa benevolência. Entre as obras antigas que tenta reproduzir há um Mausol-

SUMÁRIO DO N.º 17

Propaganda e os seus fantasmas	1
Reminiscências e Perspectivas	2
O Beato	4
Fontes Camilianas "A Freira no Subterrâneo"	5
No Atrio — Na Nave (Hinos)	6
Música do Dr. Leopoldo de Figueiredo	7
Lauda Poética, Eudaro Carmelino	8
Respiços, Dr. Luiz R. Pereira	9
Na Seara	9
Lusogramas	10
Os que vêm à cidade	11
E a Igreja fica!	12

leu maravilhoso, várias Pirâmides misteriosas, muitos marcos miliários, um Capitólio, uma Rocha Tarpeia...

O nome da Propaganda nasceu no Monte Vaticano e teve o alvo nobre de espalhar a Fé. Mas como a própria fé se mesclou de tradições inúteis e de dogmas suspeitos, assim a sua propaganda admitiu elementos banais e corruptos.

Vejam os nós na Fonte-Escrita, reveladora da Fé, quais os elementos genuínos que na Propaganda entraram: Há, nessa Fonte, umas Boas-Novas a anunciar; uma Palavra a repetir e a exemplificar; um Reino a estender; um testemunho a dar. Entretanto nenhuma expressão do Novo Testamento se pode traduzir bem por "Propaganda". Todavia, que dinâmica riqueza de expressões ele contém, Amigos!

Vêde algumas, só algumas: o Reino que Cristo fundava era comparado ao semeador que lança o grão a todo o vento; à semente que germina e cresce, de noite e de dia; à sementinha que se torna grande árvore; ao lavrador que não impede o joio, capciosamente lançado entre o trigo, para que este se não perca no seu progredir; ao fermento introduzido na massa, que a faz levedar (e não discutiremos aqui interpretações especiosas).

Anúncio espontâneo, que nos faz "pescadores" e "arautos", assenta nesta ordem do Divino Mestre: "O que vos digo ao ouvido, **apregoai-o** das açoteias".

E mais ainda: a fama de Jesus **corria** (Marcos 1:28); os Seus discípulos pediram que lhes **aumentasse** a fé (Lucas 17:5) e **divulgaram** a sua fama por toda aquela terra (Mateus 9:31); nos dias dos Apóstolos a Palavra de Deus **crecia e se multiplicava** (Actos 6:7) e as Igrejas

igualmente **creciam em número** (Actos 16:5); Paulo aconselhava aos irmãos que rogassem que a palavra do Senhor tivesse **livre curso** (2.ª Tessalonic. 3:1); o Apóstolo ainda afirmava: "Por vós **soou** a palavra do Senhor (1.ª Tessalon. 1:8); e contando com a sua intercessão fiel dizia: "**crecendo** a vossa fé seremos **abundantemente engrandecidos**" (2.ª Corint. 10:15); por sua vez intercedendo, dizia aos cristãos: "que **abundeis cada vez mais** (na santidade que antes descrevera) (1.ª Tessal. 4:10); e seguro na fidelidade divina como ansioso pela fidelidade dos crentes, esperava que "Aquele que dá a semente ao que semeia também dará pão para comer, e **multiplicará** a vossa sementeira, e **aumentará** os frutos da vossa justiça..." (2.ª Corint. 9:10).

Deixemos a Propaganda e os seus fantasmas coloridos e guisalhantes que pejam a História. Deixemos os fantasmas que ela hoje cria e mantém: o superficialismo, a artificialização, a generalização, a desproporção, o "relatorismo", o sectarismo... Eu sei, nós sabemos: "propaganda" vem dum lindo verbo que é toda uma história viva, da semente enraizando-se, germinando, frutificando, em ciclos perpétuos, através do **pagus**, do campo de cultura a que o **pagão** se agarra, nos tempos de Teodósio Magno. Rejeitava o pagão a nova fé, preso do ramerrão da sua faina; mas ele mesmo veio a ser campo de cultura do Espírito propagador.

A Igreja foi, por isso, não "propagandista", mas "propagadora". E pelos meios naturais, e sem forçar, à laia de feirante, os meios de invenção humana, ela irá, guiada pelo Espírito de Deus, propagando a verdade, que é eterna, em meio dos erros humanos, que são passageiros.



UMA incômoda errata obriga-nos a uma muito oportuna correção. Lá diz o velho ditado que "há males que vêm por bem". No editorial do nosso número anterior, uma "emenda" na prova final tornou incompreensível a referência feita ao Catecismo do Cardeal de Cuesta. Dizíamos nós que nesse catecismo, destinado a atacar as igrejas reformadas (e escrito

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS



com fel e vinagre) se deturpara o texto, pois onde se deve ler "publicano" que é cobrador de impostos nas províncias do Império Romano, se escreveu "republicano". Fosse ou não fosse lapso do autor do tal catecismo, servia para confundir os humildes crentes do Evangelho com os que, na Espanha de há oitenta anos, eram odiados ou temidos pelo povo. Isto foi o que intentámos

fazer compreender, ao mesmo tempo que referíamos certas mistificações. Uma dessas é a dum frade carmelita que se fez passar por cristão reformado de fresca data, quando no Nordeste brasileiro publicou o opúsculo venenoso "Perguntas Respeitosas ao snr. Ministro da Religião Evangélica, por um neófito da mesma Igreja", opúsculo que, em sucessivas edições, ainda se encontra á venda. A outra mistificação é a de Guilherme Cobbett (1762-1835), panfletário político inglês que usou o pseudónimo de "porco-espinho" quando era **tory**, ou ultra-conservador, e depois foi liberal ou **whig**; nada teve de protestante, pessoalmente, senão o facto de ter nascido numa família anglicana, de que degenerou. A esse propósito poderão os interessados ler "A Reply to Cobbett's History of the Protestant Reformation in England and Ireland", by C. H. Collette, Londres, 1869. Da versão portuguesa da obra de Cobbett, em que o homem é apresentado ardidamente como protestante, temos uma 2.ª edição, de 1827.

O Sr. M. Paulo Filho, ilustre jornalista brasileiro, que escreve para nós no "Diário de Notícias", preencheu uma das suas cartas, em Julho passado, com o discurso proferido por ele no Liceu Literário Português, do Rio de Janeiro, onde, para demonstrar que não é o muito tempo, e portanto as muitas palavras, que fazem grande a oratória, disse: "A mais importante oração que já se pronunciou à face do Mundo, aquela que resumia toda a doce sabedoria do Cristianismo e daria novos destinos à humanidade, foi o Sermão da Montanha. Não durou mais de vinte minutos". Encerra-se nestas palavras uma verdade poderosa e consoladora, qual é esta: não pode o Tempo, em todo a sua longura, jámais conter a Eternidade, mas a Eternidade se pode revelar num mínimo espaço de tempo.

As críticas ao cristianismo organizado, feitas pelo ortodoxo Berdiaeff e pelo reformado Kieerkgard, só são atendíveis no que essa orgânica faça por substituir a essência espiritual da Cristandade; pois de facto "o cristianismo é uma consciência". Mas uma consciência sempre se manifesta de alguma forma exterior. Se afirmarmos que as várias formas pelas quais o cristianismo se manifesta cristalizaram todas, sendo uma tal

cristalização verdadeira morte, caímos no erro de anunciar a morte do cristianismo. Se dissermos que são somente os três grandes ramos cristãos que cristalizaram (isto é, que morreram...) ficam então alguma seita recente, com a sua orgânica cristalizável, destinada a morrer, e os individualistas, rejeitados por esta época, que é, segundo um autor brasileiro que nos sugeriu esta desprezível nota, anti-individualista. Assentemos os nossos pensamentos em bases seguras, senão cairemos em inesperadas contradições.

Em Agosto agora findo um soldado norte-americano, do dia para a noite tornou-se o estrangeiro mais popular em Eegensburgo, na Austria. E porquê? Porque em vez de gastar os excedentes do seu pré em maus lugares, fretou dois vapores para oferecer um passeio pelo Danúbio a 150 órfãos de três internatos locais. Que dia cheio para a pequenada, ainda por cima servida de bolos e sorvetes, num passeio delicioso no rio azul! Agora, esta nota curiosa: o soldado que isto fez é o luso-americano Jorge Nunes, um moço que, com a simpática acção registada pelas agências noticiosas, nos leva a pensar em como o sentimento português, bem orientado, é uma força social preciosa.

Por detrás do "Pano de Ferro" dão-se coisas curiosas, que gostaríamos, todos nós, de conhecer melhor. Agora nos conta a S. E. P. de Buenos Aires que numa conferência antibélica realizada em Zagorsk, do termo de Moscóvia, onde se representaram todas as 27 instituições religiosas da região e algumas estrangeiras, não deixaram de tomar parte os baptistas e os católicos-romanos. Um delegado estrangeiro, o pastor dinamarquês Alf Johansen, entrevistado, no seu regresso, pelo "Kristeligt Dagblad", declarou que tivera o convite duma organização cultural russa para visitar quatro cidades, entre elas a capital, e encontrara ardentes marxistas que eram ateus convictos, mas em muitos intelectuais encontrara uma atitude agnóstica. Não perguntara, como é óbvio, aos pastores o que pensavam do regime russo, "mas é assunto entendido que não são comunistas" — palavras suas. A Igreja está

(Conclui na pág. 5)

O Beato

por

Fausto Lopo de Carvalho

NÃO é do Beato verdadeiro que trato.

Não é daquele que a Igreja eleva na escala da santificação. Trato hoje do beato vulgar, assim denominado (talvez impròpriamente) pelas atitudes, aparentemente religiosas, que manifesta.

O beato é um indivíduo que não é sincero. Não é religioso, não é trabalhador, nem é bom. Em primeiro lugar, o beato regra geral, fracassou na vida: ou não teve coragem para lutar, ou não se lhe proporcionaram as condições necessárias para vencer. Fracassou! Ora, o homem vulgar, sincero, normal, nestas condições só tem um caminho a seguir: procurar um lugar modesto que satisfaça as suas necessidades elementares. O beato não pensa assim! Corre à Igreja, finge que reza, procura infiltrar-se nos segredos da sacristia, esforça-se por manter relações com grande número de eclesiásticos, para, enfim, poder tentar a vitória através dos conhecimentos e da bondade dos que o desconhecem ou crêem na sinceridade da sua atitude. O beato, por isso mesmo, é um indivíduo inferior. Para provar aos olhos dos crédulos o contrário, para fingir uma superioridade que não possui, manifesta publicamente a sua religiosidade e as suas relações com a Igreja. Aparece em, todas as festas, surge nas reuniões, vocifera discursos, segue compenetrado as procissões, descompõe os intelectuais independentes, declama contra a cultura do povo e luta pelo privilégio de certas classes da sociedade. Procura por estes processos, quando não recorre a meios mais condenáveis, obter uma situação que o uso simples da sua inteligência e da sua vontade não conseguiram. Porquê? Porque nem é inteligente nem tem força de vontade. O beato nem sequer é caridoso. Pelo contrário. Nega esmolas aos que necessitam, mas oferece (quando pode) pedras preciosas e outras raridades a imagens que diz serem da sua devoção. Encobre-se com um manto de espiritualidade para se dispensar de trabalhar em prol da felicidade e progresso do seu país que considera riquezas puramente têmporais. O beato é, em suma, a negação mais completa do homem sinceramente religioso, pois o que para ele conta não é o sentido da religião que professa, é a aparência que ele lhe concede, são os ritos que ela fornece para os utilizar em benefício de sua vaidade.

O verdadeiro sentimento religioso é puro e simples. É sobretudo íntimo, recolhido. Não é fácil expandir-se, manifestar-se, pois toda a expansão ou manifestação, seja ela através da expressão verbal ou ritual, tende por vezes a uma materialização, que é incompatível com o próprio sentimento. Todas as manifestações públicas de carácter religioso podem consistir, em parte, num meio de propagação, num processo de aquisição de novos fieis, revelam, ainda, a força e o poder de uma crença, são, até, úteis para a atracção das massas inculdas do povo, mas o que inevitavelmente acarretam é a materialização dessa religião.

Nos primeiros tempos do cristianismo, como se sabe, eram expressamente proibidas as imagens, quer representassem santos, quer simbolizassem o próprio Deus. Hoje não há limite para essas mesmas imagens que enchem qualquer templo, por mais modesto que seja. Apenas alguns grupos dissidentes, como os protestantes, por exemplo, mantiveram a situação primitiva. Não há dúvida de que o número de fieis é maior no século XX do que no século I, mas o que certamente não prima é pela qualidade.

Os fieis de hoje perderam muito do que no princípio caracterizava o cristão. Perderam a simplicidade, a caridade. Perderam sobretudo, o sentimento religioso elevado. Hoje, é vulgar encontrar um católico fiel a determinada imagem que, para ele, representa muito mais do que outra imagem do mesmo Deus ou Santo. E não é difícil reconhecer que a pouco e pouco as massas populares deixaram de adorar Cristo com a mesma intensidade de outros tempos, orientando, agora, a sua fé para a Virgem e para determinados Santos ou Patronos. Caminha-se sem querer para um perigoso politeísmo pagão que é totalmente oposto ao primitivo sentimento cristão. E, como consequência, o poder moral da crença decaiu e a cultura diminuiu.

Na realidade o beato desfaz-se na sua aparência, reduz-se na sua integridade moral, desce na escala social. É um ser hipócrita e inútil que despreza os seus semelhantes e atraiçoa a religião e a fé, que finge respeitar.

O verdadeiro cristão procura, no recolhimento da sua intimidade, exprimir o seu sentimento religioso através da prece. Prefere a oração à manifestação tumultuosa das ruas.

Fontes Camilianas

"A Freira no Subterrâneo"



QUEM encontrar, na vasta obra de Camilo, uma das suas traduções com o título aliciante de "A Freira no Subterrâneo" talvez suponha que se trata de mais uma ficção do grande romancista, e que não existirá a obra francesa donde diz tê-la vertido; tanto mais que não aparece aí nome de autor. Contudo, ao ler o romance, surgem-lhe diante tais pormenores estranhos que se convencerá da origem estrangeira da narrativa. As dúvidas, porém, prosseguem. O estilo é bem camiliano, e o original, seja ele qual for, não deve ter sido muito, muito respeitado. Talvez se trate, no francês, de obra menos artística na sua forma, porém de arripiante assunto, que o mestre português da ficção utilizou com a máxima liberdade; mas quanto a ser verdade o que ali se narra... Quem o acredita?

Pois bem: acreditamos nós, que temos aqui os relatórios oficiais do horrível caso, reunidos num opúsculo de 125 páginas, in 8.º, publicado em 1938 pela "Protestant Book House" de Toledo, Ohio, Estados Unidos, com claros indícios de ser uma reprodução popular de edições anteriores.

O seu título é "The Convent Horror, Story of Barbara Ubrik, Twenty-one years in a Convent Dungeon, eight feet long, six feet wide", ou seja: "O Horror Conventual: História de Bárbara Ubrik, por 21 anos encerrada num subterrâneo de convento com oito pés de comprido e seis de largo".

A não ser o nome da infeliz protagonista e o do bispo católico-romano de boa vontade que aceitou a acusação e fez devassar o convento, Mgr. Galeeski, todos os outros foram substituídos por nomes de fantasia, decerto porque à data em que se deu forma romanceada à narrativa ainda estavam vivas as personagens. Assim o juiz do crime, que no romance é Zolpki, é pròpriamente Kironski; o comissário de polícia Pamza é Guilherme Jeresk; a cínica abadessa carmelita Maria Wenzky é soror Josefa Zariarska; o infame capelão Zósimo é Fr. Calenski, que realmente se suicidou quando descoberto. A comissão que

penetrou no convento de Cracóvia pela exclusiva autorização do bispo, pois que as leis polacas eram impotentes para a dar, era constituída por Guilherme Franski, J. Trelings, Luís Brevearick e J. P. Heiliginski; e os sucessos tiveram lugar na cidade e nas datas e locais indicados no romance: entre 1840 a 1869.

Não se diz no romance, que é anterior a essa data, ter Bárbara morrido em 1891, depois de viver liberta da tortura e do ergástulo ainda por 23 anos. Os jornais da Europa e da América noticiaram o seu falecimento em Maio desse ano.

Camilo declarava no prefácio da 2.ª edição deste livro: "A crítica ilustrada estremará da religião divina, que ensinou Jesus, a proféria dos sacrílegos que se abonam com ela, e lhe vão apagando as luzes para que as trevas da idade-média se condensem e envolvam as instituições não carimbadas pela chancela pontifical".

(Conclusão da pág. 3)

"encravada"; tem que trabalhar dentro dos muros, mas a sua influência vai mais além. Vale a pena mencionar o caso de que numa escola politécnica onde foram ouvir um discurso sobre a arte russa, as igrejas foram apresentadas como exemplo. Perguntado sobre se as igrejas eram realmente "museus sem vida", o pastor entrevistado respondeu: "Isso depende do ponto de vista que se tenha. Eu tomei parte em vários serviços religiosos. Só em Moscovo celebram-se cultos de duas horas, em 55 igrejas, três vezes ao dia. Fui informado de que, numa população de sete milhões, em qualquer Domingo acodem às igrejas (de vário rito) 225.000 pessoas".

PONTOS FINAIS

A. C.

Vai morrer o grande Augusto

Que o Império organizou...

Eis como ele diz, a custo:

"Aplaudi,

"Que a comédia terminou".

C. H.

O Poeta, no estertor,

Diz a todos, comovido:

"Por favor,

"Desculpai este ruído..."

G. C.

Passam solenes instantes.

O Marechal volta a si

E pergunta aos circunstantes,

Em voz débil:

"É verdade que morri?"

NO ÁTRIO

Comemorações próximas

21 de Setembro: Dia de S. Mateus Apost. e Evang.

29 de Setembro: Dia de S. Miguel e todos os anjos.

18 de Outubro: Dia de S. Lucas médico, Evang.

28 de Outubro: Dia de S. Simão e S. Judas, Apost.

Tem sido proposto o primeiro Domingo de Outubro para dia de Comunhão Universal.

O 12 de Outubro, 2.º Domingo, é na Europa o dia das Escolas Dominicais.

A Festa das Colheitas realiza-se geralmente em um dos Domingos depois do "S. Miguel".

O 28 de Outubro é o Domingo Universal de Temperança e o 31 de Outubro o Dia comemorativo da Reforma Religiosa.

No "Calendário da Igreja", para 1952, se encontram indicadas lições apropriadas a algumas destas comemorações.



NA NAVE

Um hino para a época

HINO DOS TALENTOS

(Música de F. C. Maker, n.º 580, 2.º,
de Música Sacra. Letra de E. M.)

1. *Senhor, ó Pai das Luzes,
de Ti vem todo o dom,
pois todo o bem produzes
e tudo fazes bom.
Beleza para a vista
e vista p'ra a gozar:
não há quem te resista,
ó Criador sem par.*
2. *De Ti vem a vontade,
de Ti a compreensão;
é Tua esta amizade
que adorna o coração.
Tu dás à criatura
impulso para agir;
concedes a ventura
após o produzir.*

3. *Se à obra então nós dermos
o que o amor nos deu,
e aquilo que fizermos
considerarmos Teu,
semente de equidade
há numa tal moção:
a flor é lealdade
e o fruto é gratidão.*
4. *Na história dos talentos
que o Mestre nos contou,
oh! que de ensinamentos
o nosso amor achou!
Talentos é quanto alcança
qualquer humano ser.
O nosso, sem tardança
ponhamos a render!*
5. *E hoje, que tens posto,
ó Deus, em nossa mão
o fruto, que dá gosto,
do esforço humilde e chão,
alegres entregamos
a Ti, ó Bom Senhor,
o que em amor ganhámos
p'ra ser gasto em amor.*



Hino sem música, feito sobre um dístico de Jorge de Montemor

séc. XVI

1. *Dá graças, irmão, ao Alto
Que te deu um coração.
E se o coração é falto
Busca o Alto em oração.*
Côro: "Escolhe a Deus para ti,
E escolher-te-á para Si".
2. *Dá graças, irmão, ao Verbo
Que te trouxe o Seu amor.
Se sentes o mundo acerbo
Busca do Verbo o dulçor.*
3. *Dá graças ao Paraceto,
Busca de Ele a Força, a Luz;
Ensino, amparo completo,
Que em gozo e paz se traduz.*
4. *Dá graças, sim, à Trindade,
Ao Seu inclito favor.
Tens nela a imortalidade
Num mundo muito melhor.*

Música de
Dr. Leopoldo de Figueiredo

Surgum corda

Ele - vai as vossas cora - ções

Ele - vêm-nos ao Se - nhor Dêmos

graças ao Senhor Nós - so Deus Dêmo-las pois é

Pax Dei

di - gno e justo Paz seja con - vósco

E com o teu Es - pi - - ri - to.

LAUDA
POÉTICA

•
C R E D O

Creio!
Creio em Deus Pai Omnipotente;
Creio no meu Autor — por Ele anseio.
Do Ceu, da Terra, Criador fecundo
Artifice e Poeta,
O Pedagogo, o Esteta
Desta minh'alma e da de todo o mundo!
Creio em Jesus, o Filho unigerado,
Jesus, o Cristo, o Verbo, o Mestre amado,
Nosso Senhor,
Filho de Deus!
Cristo, raiz de Isai, pai de Davide,
Rei dos Judeus;
Jesus, rebento dessa nobre vide,
Planta de amor!
Concebido por obra e pela graça
Do Espírito de Deus, o Paracleto,
No ventre casto de Maria,
Virgem judia,
Flor humilde e gentil da sua raça,
De coração repleto...
Padeceu ao arbitrio do romano
Pôncio Pilatos, por traição de Judas,
No serviço do intento desumano
Dum sacerdócio desleal e duro.
Por transformar, inteira, a nossa sorte,
Prêgar ao mundo impuro,
Deixou-se aprisionar... manso Cordeiro
Levado, sem queixume, até à morte.

Foi crucificado,
Morto, sepultado,
Ao "xeol" desceu,
E ao terceiro dia
Ressurgiu dos mortos
E subiu ao Ceu.
Creio!
Creio que vive e impera
Sentado à dextra de Seu Pai — e nosso.
Creio que voltará em nova era,
Tal como na Palavra a Igreja o lê.
Eu quero crer, eu posso:
Sei que tudo é possível ao que crê.
Ele há de vir julgar
Os vivos e os mortos,
E assim,
Seu Reino não terá fim.
Creio na Santa Igreja Universal,
Na remissão eterna do pecado,
Na derrota do mal.
Creio que a carne então ressurgirá
Na vitória do Bem,
Na vida eterna. Amem!

Eudaro Carmelino

RESPIGOS REPETIÇÕES

A advertência de nosso Senhor aos Seus discípulos, para não usarem em oração "vãs repetições" (S. Mateus c. 6, v. 7) tem servido de argumento a alguns contra o uso de orações escritas, sobretudo daquelas em forma de litanias, nas quais certa frase é repetida várias vezes.

Claro que Jesus não afirmou serem vãs todas as repetições; apenas pois as repetições que se podem classificar de "vãs", é que, á face do texto do Evangelho, são condenáveis.

É curioso que a nossa expressão "vãs repetições" traduz uma só palavra do texto grego cuja origem, dizem os entendidos ser incerta. Goudge e Levertof, no seu comentário, são de opinião de que se trate de uma palavra híbrida, formada a partir do termo aramaico "batel", o qual significa "vazio". Assim a palavra não se referiria a repetições da mesma oração mas sim ao uso de palavras sem sentido, como se se tratasse de fórmula mágica, coisa comum entre os pagãos. Greenfield no seu pequeno Lexicon, faz derivar o termo do nome de certo poeta loquaz e tolo de nome Battus (?) significando pois aquela expressão — falar como Battus fazia, isto é, de modo prolixo e usando uma multidão de palavras.

Ao ler aquele passo da Escritura na "Standard Version" (que traduz assim: "Orando não acumuleis frases vazias...") não pude deixar de pensar em tantas orações extemporâneas que tenho ouvido, tristes acumulações de frases pomposas, mas tão vazias de sentido, de doutrina e, até por vezes... de gramática. Que contraste com o estilo conciso, sóbrio e edificante, das preces da Liturgia!

Note-se porém que as repetições intencionais que encontramos na Liturgia, são tudo o que há de mais bíblico. O que é por exemplo o Salmo 136 (135 na Vulgata) senão uma formosa ladainha, a ladainha da misericórdia de Deus? Nem podemos esquecer que nosso Senhor, no "horto das oliveiras", repete por três vezes aquele grito de alma que expressava a Sua angústia, na antecipação do momento tremendo em que ia ser feito pecado por nós — "Pai, se queres passa de mim este cálix, todavia não se faça a Minha vontade mas a Tua".

A Igreja pois, segue o exemplo do seu divino Fundador, ao ensinar os seus filhos a repetirem aquelas curtas orações que têm sido a expressão da penitência e das intercessões do Povo de Deus em todos os tempos:

"Kyrie eleison! Christe eleison!

Senhor tem piedade... Ouve os nossos rogos bom Senhor!

L. R. P.

NA SEARA

Igreja do Espírito Santo, em Setubal

Foi uma surpresa agradabilíssima, para quem de Lisboa foi a Setubal, em 20 de Julho, encontrar o templo da Igreja Lusitana do Espírito Santo tão melhorado no seu aspecto interno. As obras, realizadas num tão curto lapso de tempo, início de outras maiores, que o belo edifício necessita e merece, representam um esforço admirável do ministro secular, interino, daquela igreja, sr. dr. Ayres Serrano e Silva. A reabertura do templo assim restaurado foi solenizada com a celebração eucarística e um excelente sermão pelo rev. dr. Luiz Rodrigues Pereira. O Grupo PróMúsica Sacra, de Lisboa, dirigido pelo sr. dr. Leopoldo de Figueiredo, que muito ajudou este esforço com que se pretende levantar ali a obra cristã reformada, tomou parte no serviço divino, com geral agrado. A assistência era enorme, pois encheu literalmente o templo e aglomerava-se junto da entrada em magote difícil de calcular. Atingiram cerca de Esc. 11.500\$00 as despesas realizadas.

Bispo dos Libombos

O Rev.^{mo} Humphry Beevor, designado bispo dos Libombos (diocese missionária que inclui a nossa cidade de Lourenço Marques e seu termo) foi consagrado na catedral de S. Paulo, em Londres, no dia de Sant'Iago. Consta que virá praticar a nossa língua, em Lisboa. Desejamos a S. Ex.^a Rev.^{ma} as maiores bênçãos de Deus.

Rev. T. R. Teagne

Recebemos a visita do novo capelão da colônia britânica em Lisboa, Rev. T. R. Teagne, substituto do Rev. Canon Ferree, que se retirou ultimamente. Desejamos a S. Rev.^a as maiores bênçãos.

LUSOGRAMAS

— Um paciente amigo de ECCLESIA preparou uma lista dos assuntos tratados nos primeiros dez números da nossa revista. Não será tão cedo que a poderemos publicar, e só o faremos se nos convenceremos da sua utilidade. Mas sempre diremos que são camoneanos os n.ºs 2 e 6; camilianos os n.ºs 6 e 7; queirosianos os n.ºs 6 e 8; condestabrianos o n.º 7; gilvicentino o n.º 2... e basta por ora.

— O abade Mugnier conta à Princesa Bibesco que, na rua Méchain, morou de 1910 a 11 por cima de Maurraz e de Daudet, os reaccionários franceses; e por baixo de Lénine, o homem que seria promotor do sovietismo. E acrescentava: "Eu no meio, nada sabendo... nada de aquilo que eles se julgavam chamados a ensinar-nos. Nada, excepto o Sermão da Montanha...".

— A Inglaterra e a Itália, por meio das suas instituições culturais, expuseram entre nós a sua melhor literatura para crianças. Na inglesa apareceu, como é justo e natural, a que se inspira na Bíblia. Pois não afirmou com tanta verdade esse génio do pensamento russo que se chamou Leão Tolstoi, que o Velho Testamento é o livro-mestre da infância?

— O dr. António de Azevedo Pires, supomos que clérigo romano, está fazendo às quartas-feiras, às 21 e meia horas, pela Emissora Nacional, umas palestras Evangélicas dignas de todo o apreço. Sabemos que são acompanhadas com muito interesse por cristãos reformados.

— Quem observar a ressurreição da festa do "Corpo de Deus", este ano, e ler o artigo de A. Rocha "A Incredulidade em Portugal" publicado — notai bem — num boletim financeiro: "Na defesa do accionista e da Economia Nacional" (n.º 36, ano XI, de 22 de Novembro de 1946), onde se aconselhava uma campanha estratégica de reposição de todas as tradições portuguesas (mesmo as mais supersticiosas, como esta) aprenderá alguma coisa. Levou só seis anos esta reposição, desde que aí se aconselhava.

— Cada mentor de povos tem o seu sistema. Napoleão arengava, Mussolini representava, Hitler insultava, Mossadegue, o actual ministro do Iran,

chora copiosamente, como o grande Gândi jejuava com estoicismo (e eficácia) e como Churchill satiriza (com humor). Métodos vários, alvos diferentes também.

— Narrou-o há semanas o "Religious News Service", de Nova Iorque: um operário espanhol que fora despedido por ser protestante (e tesoureiro duma sociedade Evangélica) foi, por decisão do tribunal competente, reintegrado no seu emprego. A sentença estipula que os factos apontados não constituem razão para declarar alguém profissionalmente inapto, e para assim denunciar o seu contrato de trabalho. É dever nosso de lealdade, uma vez que temos denunciado actos de intolerância, noticiar este caso de imparcialidade.

— O dr. Huberto Rohden, ex-Jesuita, que depois de egresso foi professor em Washington, escreve brilhantemente em ataque a Roma e em defesa das mais altas verdades cristãs. Mas parece desdenhar a Igreja, tomada em qualquer sentido. Antepõe ao "catolicismo" a "catolicidade". Mas por cá, pelo velho berço da língua, um termo refere-se à opinião ou crença que nos une e o outro ao estado ou qualidade que nos caracteriza. A anteposição criada parece-nos artificial.

— A princesa Guilhermina de Orange, rainha resignatária dos Países Baixos, publicou um folheto intitulado "Cristo, esse desconhecido", em que testemunha a sua fé no Salvador e uma experiência de viva comunhão com Ele através de longos anos. (De "Unitas") Com vista aos fanáticos santistas que não admitem que chefes de Estado possam ser sinceros cristãos.

— O boletim oficial do clero romano declarou em 8 de Abril, dizem as agências, que "é difícil desculpar de pecado mortal quem use da psicanálise como método de tratamento, ou quem a ele se submeta. E acrescenta: tal método facilmente se torna uma escola de corrupção". Os comentários feitos muito bem se aplicam à confissão auricular. Modestamente lembramos que valeria a pena rever a matéria num e noutro caso.

— Antigamente os estudantes maus ou infelizes eram reprovados, ou, em linguagem familiar, eram "chumbados". Agora não: agora são eles que **chumbam**... "Este ano reprovei" diz um jovem, no ano 52. É uma função muito mais activa, sem dúvida. E quem sabe se em consciência não se poderá reprovar um júri que não foi justo?

— Portugal, com seu magnífico sentido de defesa nacional, promoveu uma aproximação com os portugueses hindus e muçulmanos. A Espanha, com um compreensível sentido de defesa também, está promovendo uma aproximação com as várias nações árabes e com a sua cultura. Só temos que registar os factos com satisfação, tirando todas as conclusões que se devam tirar.

— Certas cerimónias em que entra a quebra duma garrafa de champanha, ou onde se aspergem objectos inanimados com água especialmente "benta", ao que se dá o nome de "baptismo", são verdadeiras paródias litúrgicas, sacrílegas, que repugnam à consciência cristã reformada.

— Um bom sermão que dure uma hora, destroi na segunda meia-hora o bom efeito da primeira meia hora.

— Leonardo perorava; e o povo aplaudia. Leonardo erguia mais a voz, excitado; e o povo aplaudia, ainda mais vibrante. Porfim, Leonardo, rouco e tremendo, só vociferava e gesticulava sem nada dizer; e o povo então aplaudia delirantemente, sem nada perceber...

— As homenagens prestadas pela cidade de Lagos ao sr. dr. Júlio Dantas, tão carinhosamente, fazem-nos pensar: qual é a naturalidade dum homem? O ilustre escritor veio do Algarve aos dois anos. A sua naturalidade é de facto o meio a que deveu a sua formação de adolescente, pois se assim não fosse Bulhão Pato seria espanhol; e tantos outros casos se poderiam aduzir, Jesus Cristo, belemita, no cumprimento das profecias, foi praticamente "O Nazareno".

— A nova Moscóvia condenou as teorias de Einstetein, de Freud e de Mendel. Assemelha-se à Igreja quinhentista negando as teorias do Padre Copérnico, de Giordano e de Galileu. Parece que a função do meio social é comprovar e não condenar.

— Churchill evoca os actos contra a Rússia bolchevista e pergunta a Estaline se isso lhe pode ser perdoado. "Tudo isso é do passado, e o passado pertence a Deus", responde o ditador russo. "Les Nouvelles Littéraires", ao contar o feito intitula a narrativa assim: "Estaline crê em Deus?" Respondemos: não há ninguém que não creia, no fundo da sua consciência. Mas conhecida a astúcia do famoso georgiano, podemos pensar que ele queria blaguear, afirmando que o passado e não o futuro a Deus pertence. Mas, que é futuro, e que é passado, para o Eterno?

Os que vêm à cidade...

NÃO sei se, pelo I. N. E., já se tem feito o cômputo dos honrados portugueses que, ao romper o ramerrão da sua vida controlada pelas línguas da sua pequena terra, vêm à cidade e compram um bilhete da Santa Casa da Misericórdia premiado com dúzias de contos por um ou dois, enfim, o que trazem consigo; ou adquirem por uma bagatela a maravilhosa máquina que reproduz num instantinho notas do Banco de Portugal, de valores altos; ou, ainda, entregam o relógio e a carteira mais ou menos recheada em troca dum grosso pacote de notas, que um vigário ausente no Brasil legou ao povo da sua aldeia.

Seria interessante obter a estatística dessas misérias morais, denotadoras duma educação imperfeitíssima ou duma capacidade mental e moral de incrível limitação.

O sistema religioso que desde há mil anos tem a responsabilidade da formação do nosso ambiente nacional, parece pouco ter conseguido de verdadeiramente eficaz, no sentido de criar alma grande, mente clara e carácter firme que dê ao "português médio" a compreensão de que só é sádica e estável a riqueza adquirida pelo trabalho honesto, aquela que não cria e desenvolve o **nojo de si próprio**, ou que mata em nós tudo quanto tem valor de **revelação** e só deixa um sedimento — o cinismo.

Substituir o "Deus Vivo e Verdadeiro" pelos heróis pagãos trajados e crismados pela canonização do Vaticano, representados em effigie cega e muda; dar uma esperança elástica de relevação de penas purgatoriais, que negam implicitamente, ao menos em grande parte, o Grande Sacrifício Expiatório do Calvário; pôr em mãos de um mentor fraco e susceptível de parcialidade, a absolvição dos pecados que o casuismo destrinça e gradua a seu talante, eis algumas das causas deste drama de séculos. E, contudo, a alma portuguesa é rica de sentimento, é resignada e ansiosa do Bem Supremo! Deem-lhe o Evangelho!

E A IGREJA FICA!



A Igreja no mundo, pela mão de S. Paulo, estava ensaiando os seus primeiros passos. Himeneu e Fileto, mal inspirados por aquele inimigo constante que só mal inspira — ou amedrontando em arremetidas de leão ou seduzindo em blandícias subtis, como o rastejar da serpente — vieram ao arraial cristão afirmar que “a ressurreição era já feita”. Paulo os condenou com a força da autoridade, feita em glórias e sofrimentos, os fieis se aninharam em volta do Apóstolo, pai de tantos, mestre e doutor de todos e a Igreja ficou, aguardando a maravilhosa ressurreição que há de vir.

Nem era o deslize de Pedro e a repreensão fraterna de Paulo (aos Gálatas 2:11 a 14); nem a discordância de método disciplinar entre Paulo e Barnabé (Actos dos Apóst. 15:35 a 39); como não fora o sonho judaico da simbiose de circuncisão e baptismo cristão que haviam de dividi-la. Os homens divergiam ou convergiam, no flutuar do seu pensamento ansioso, sem que isso pudesse nem devesse provocar divisão no seio da Igreja — da Igreja que permanece.

Vêm depois os “psilantropistas” que julgam renegado o dogma da unidade divina no facto de se aceitar a Cristo Jesus como “nosso Deus e Salvador” (2.ª de Pedro 1:1); vêm os gnósticos que procuram na sua razão delirante a explicação dos mistérios, ou factos que transcendem a nossa fraca mente, ainda que a nossa alma os ante-sinta, e deificam os Eons e Santa Maria; dualizam a ideia de Deus; degradam o plano de Redenção; negam a humanidade real de Jesus; reduzem o Evangelho, o Santo Evangelho, a uma cabala;

assustam a alma da Igreja:.. Mas ela, que vivia o **facto** católico, cria a **fórmula** católica, como seu veículo, e fica — fica mais forte e mais consciente da sua origem e missão.

Um dia o golpe é mais fundo. Desvanecem-se um tanto os exotismos orientais e afrouxa a complexidade helénica, mas afirma-se, usando-se ainda a subtileza dos filósofos, que Cristo é “hetero-usios”, um ser diferente de Deus. O arianismo invade a Europa, cria missões entre eslavos e celtas, domina reis ao catequizar os povos e domina os povos aliando-se aos seus reis; cria ou desenvolve a intolerância religiosa, na letra do Código Visigótico; mas a Igreja a do princípio, aquela que derivou das Escrituras Sagradas, e por meio da qual o Cânon das Escrituras Sagradas chegou até nós, essa, mesmo quando fraca, pobre e humilde, permaneceu e esperou o triunfo.

Um dia a fatalidade política do Império, que tinha dado ao bispo de Roma, depois da queda de Cartago um prestígio enorme, forçará os factos a uma nova política clerocrática, de sentido político, como se resume nestes trechos de uma pena imparcial:

“No começo da vida da Igreja o bispo de Roma, era escolhido pelos padres e fieis da cidade, e não pela universalidade dos cristãos. No princípio os bispos de Roma estiveram sujeitos ao Império do Ocidente, depois da queda deste eram considerados como funcionários religiosos, não podendo **ser bispos** sem a autorização Imperial... Com o aparecimento dos **Estados da Igreja**, ou património de S. Pedro (em 756), os papas tornaram-se, **além de soberanos na ordem espiritual**, soberanos na ordem material” (Silvio Pélico Filho, “História da Instrução Popular em Portugal”, página 10; sublinhados do autor).

E a Igreja ficou! Se se desvanecia na alma dos guias materializados, ficava nas almas simples de milhões de fieis.

Só no próximo número daremos notícia do resultado do **Concurso de “Ecclesia”**, por estarem ainda
 — os originais nas mãos do júri. —

IGREJA LUSITANA

CONGREGAÇÕES

LISBOA Igreja de S. Pedro, Largo das Taipas. — Serviços Divinos: Domingos, às 11,30 e às 21 h.; Quartas-feiras, às 21 h. — Ministros: Rev. Josué Ferreira de Sousa, residente na Rua de Azedo Gneco, 4, 4.º - D. (a Campo de Ourique) Lisboa; Rev. Josué de Sousa J.º, residente na Rua de Feio Terenas, 20-1.º - Lisboa.

Igreja de S. Paulo, Rua das Janelas Verdes, extinto Convento dos Marianos. — Serviços Divinos: Domingos, às 11 e às 21 h.; Quintas-feiras, às 21 h. — Ministro: Rev. Eduardo H. Moreira, residente na Rua das Janelas Verdes, 32-2.º - Lisboa.

Igreja de Jesus, Rua do Quatro de Infantaria, 70-1.º (a Campo de Ourique). — Serviços Divinos: Domingos, às 21 h.; Sextas-feiras, às 21 h. — Ministros: Os da Igreja de S. Pedro.

PORTO Igreja do Redentor, Rua do Visconde de Bóveda (e Rua do Baão de S. Cosme, 223). — Serviços Divinos: Domingos, às 11 e às 21 h.; Quartas-feiras, às 21 h. — Ministros: Rev. Agostinho F. Arbiol, residente na Rua do Cativo, 6 - Porto; Rev. Vidal V. dos Santos, residente na Rua de Gomes Freire, 68-3.º - Porto.

VILA NOVA DE GAIA Igreja de S. João Evangelista, Torne. — Serviços Divinos: Domingos, às 10,30 e às 17 h.; Quintas-feiras, às 21 h. — Ministro: Rev. A. Ferreira Fiandor, residente no Presbitério da Igreja.

Igreja do Salvador do Mundo, Arco do Prado-Devesas. — Serviços Divinos: Domingos, às 10,30 e às 20 horas; 2.ª Quarta-feira de cada mês, às 21 h., conferência. — Ministros: Rev. Augusto Nogueira, residente na rua Leote do Rego-Devesas-V. N. de Gaia; Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral, residente na rua da Infanta D. Maria, 97 - Porto.

Igreja do Bom Pastor, Rua do Rei Ramiro-Candal. — Serviços Divinos: Domingos, às 11 horas e ao anoitecer. Todas as Quartas-feiras, às 21 horas, alternadamente, reuniões de Oração, Estudo Bíblico ou de Senhoras — Ministros: Rev. Armando Pereira de Araújo, residente na Rua de Camilo Castelo Branco, 17 - V. N. de Gaia.

SETUBAL Igreja do Espírito Santo, Bairro Salgado. — Serviços Divinos: Domingos, às 21 h. — Ministro Secular: Dr. Ayres Serrano e Silva, residente na rua da Esperança, 23-3.º - Lisboa.

ALCÁÇER DO SAL Igreja de Cristo Remidor. — Serviços Divinos: irregulares. — Ministro secular: o de Setubal.

VILA FRANCA DE XIRA Igreja de S. Mateus, Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 60. — Serviços Divinos: Domingos, às 11 e às 21 h.; Quartas-feiras, às 21 h. — Ministro: Rev. Dr. L. Rodrigues Pereira, residente na Quinta do Bacalhau - Vila Franca de Xira.

MISSÕES

SUL

AMORA Missão de Sto. André, Avenida Marginal de Silva Gomes. — Serviços Divinos: Domingos, às 16 h. Ministro: O da Igreja de S. Paulo - Lisboa.

CASTANHEIRA DO RIBATEJO Missão de S. Tomé, Rua de Palha Blanco. — Serviços Divinos: Domingos às 11 h. Quintas-feiras, às 21 h. — Ministro: O da Igreja de S. Mateus - Vila Franca de Xira.

CARREGADO Missão de S. João Baptista, Bairro Novo. — Serviços Divinos: Sextas-feiras, às 21 h. — Ministro: O da Igreja de S. Mateus - Vila Franca de Xira.

NORTE

OLIVEIRA DO DOURO Missão de Cristo, Outeiro. — Serviços Divinos: irregulares. — Ministro: O da Igreja de S. João Evangelista.

CAMPANHÃ (Porto) Missão de Santo Estêvão, Rua de Azevedo. — Serviços Divinos: Domingos, às 9,30 horas. Ministro: O da Igreja do Redentor - Porto.

VALBOM (Gondomar) Missão de Sant'Iago Apóstolo, Lugar da Arroteia. — Serviços Divinos: Domingos, às 9,30 h. Ministro: O da Igreja do Redentor - Porto.

Ecclesia

Encontra-se à venda na:

Livraria Aillaud & Lellos

Rua do Carmo, 82

LISBOA

Tabacaria Aliança

Rua de Santo António, 19

PORTO

Ecclesia

Assinatura

Venda

avulso

Império Português 25\$00 5\$00

Países Estrangeiros 30\$00 6\$00

Assinatura anual — 6 números — a tratar com a Administração ou com qualquer dos Ministros da Igreja Lusitana.